

# *O fascio, a suástica e a maple leaf:* o fascismo no Canadá do entreguerras \*

João Fábio Bertonha

*Resumo:* O objetivo deste artigo é discutir a presença de movimentos fascistas no Canadá, nos anos 30, com ênfase na figura de Adrien Arcand e nas particularidades do caso canadense em confronto com outros países de língua inglesa. Por isso, é especialmente focalizada a questão do Quebec e dos movimentos fascistas baseados na região. Ainda que sejam mencionadas questões gerais em relação aos países anglo-saxões e ao mundo todo, enfatiza-se o contexto canadense e as especificidades desse país, no que tange ao fascismo e à sua capacidade de angariar adeptos e apoios, como também a seu fracasso em atingir o poder.

*Palavras-chave:* extrema direita; fascismo; Adrien Arcand.

*Abstract:* The main purpose of this article is to discuss the presence of Fascist movements in Canada in the period between the two world wars, with special focus in the Canadian fascist leader Adrien Arcand and in the Quebec case. Although general discussions regarding the fascism in the Anglo-Saxons countries are present, the Canadian context is stressed.

*Key words:* extreme right wing; fascism; Adrien Arcand.

*Résumé:* Cet article propose une réflexion sur la présence de mouvements fascistes au Canada dans les années 30, et notamment sur la figure d'Adrien Arcand et les particularités du cas canadien par rapport à d'autres pays anglophones. Bien que le texte mentionne des situations communes aux pays anglo-saxons et à d'autres régions du monde entier, la question centrale qui est mise en relief est celle du contexte canadien et des spécificités de ce pays en ce qui concerne les mouvements fascistes et leur fortune dans cette région.

*Mots-clés:* extrême droite; fascisme; Adrien Arcand.

---

\* A pesquisa bibliográfica para o presente artigo foi realizada no Canadá (Toronto, Ottawa e Montreal) em 2000 e, novamente, em 2008. Agradeço ao International Council for Canadian Studies, que me concedeu uma bolsa de pesquisa de curta duração para que eu pudesse pesquisar em Toronto e Montreal, em agosto e setembro de 2000 e em setembro e outubro de 2008. Agradeço também a meus amigos canadenses e brasileiros (especialmente a Alexandre Valim e Bruno Ramirez), que muito me auxiliaram em minhas viagens. Roberto Perin é particularmente inesquecível por sua hospitalidade.

## Introdução

Nos anos 20 e 30, movimentos de caráter fascista espalharam-se por todo o mundo ocidental, incluindo a Europa, a América (tanto a do Norte como a do Sul) e mesmo países geograficamente mais distantes, porém dentro da cultura ocidental, como a Nova Zelândia, a Austrália e a África do Sul. É claro que, muitas vezes, movimentos conservadores ou autoritários de vários tipos acabaram por ser confundidos e chamados de fascistas, mas, independentemente desse gênero de confusão, não há realmente dúvida de que grupos fascistas se tenham difundido por todo o mundo ocidental naquele período.

Normalmente, associa-se “fascismo” às figuras de Hitler e de Mussolini e, por tabela, à Alemanha e à Itália. Historiadores dos mais diferentes prismas teóricos trabalharam por anos a fio para demonstrar que o fascismo nesses dois países, casos especiais no mundo ocidental, seria uma “tara” à qual estariam imunes nações realmente civilizadas, como as anglo-saxãs.

Não é verdade, no entanto, que esses países tenham ficado isentos do fascismo. Pois, embora os movimentos fascistas no mundo de fala inglesa tenham sido muito limitados e não tenham chegado a exercer grande influência, eles, de fato, existiram, e esses países fazem parte da família fascista.

Em artigo anterior<sup>1</sup>, tracei alguns esboços a respeito da presença do fascismo nos países anglo-saxões, com vistas a uma comparação com o caso brasileiro. O que estava em foco eram as experiências fascistas nos diferentes países anglo-saxões e, especialmente, a comparação com experiências semelhantes no Brasil. Do mesmo modo, publiquei outros artigos comparativos entre o Brasil e o Canadá (Bertonha, 2002b; 2004, ambos também em Bertonha, 2008), mas com um enfoque diverso, a saber, na presença do fascismo e do antifascismo italianos nas comunidades italianas presentes nos dois países.

No presente texto, a ideia é fugir do foco comparativo com

---

<sup>1</sup> Ver Bertonha (2002a). Este artigo foi republicado, a convite, em espanhol (Bertonha, 2003) e também figura em meu livro sobre a direita, recentemente publicado (Bertonha, 2008).

o Brasil e restringir a análise aos fascismos e aos fascistas dos países anglo-saxões. Mais do que isso, é o Canadá o verdadeiro centro de minha análise. Dada a singularidade da experiência fascista nesse país e a escassa informação disponível, parece justificar-se a escolha de tal foco.

A informação sobre o tema é realmente limitada, tanto em inglês quanto em francês. Em português, então, as possibilidades de um leitor encontrar bibliografia são virtualmente nulas. Essa lacuna no conhecimento histórico disponível no Brasil sobre o Canadá merece ser sanada, até por se tratar de uma face pouco conhecida da história daquele país. Por isso, a ideia de reunir as informações disponíveis e de apresentar ao algumas reflexões sobre o tema deve ser de interesse do leitor brasileiro.

Inicialmente, voltarei a tecer algumas observações gerais sobre o fascismo nos países anglo-saxões, mas procurando aprofundar e avançar em relação ao que escrevi anteriormente. Nesse sentido, as experiências da Inglaterra, da Austrália, dos Estados Unidos, da África do Sul e da Nova Zelândia serão utilizadas para se compreenderem os dilemas dos partidos e movimentos fascistas na área cultural de língua inglesa no entreguerras. Posto isso, meu foco se transfere imediatamente ao Canadá, a seus movimentos fascistas e a suas singularidades e semelhanças frente ao restante do universo anglo-saxão e do mundo ocidental.

Devido à escassez de informações disponíveis sobre o tema, pareceu-me indispensável proceder em alguns momentos a um relato de caráter mais factual, recuperando dados sobre partidos, publicações e jornais, além de outros que são pouco conhecidos fora do Canadá e, na verdade, até mesmo lá. É desejo do autor que esta discussão sobre o fascismo canadense não apenas seja uma colaboração interessante para os estudos gerais sobre o fascismo, mas também sirva para trazer a público um aspecto da história dos países anglo-saxões que, embora de grande importância, é muito pouco conhecido.

## O fascismo no mundo anglo-saxão

Nos países de fala inglesa, os movimentos fascistas tiveram um desenvolvimento bem menor do que nos países da Europa continental, como a Itália, a Alemanha e mesmo a França e a Espanha. Na Inglaterra, o fascismo praticamente inexistiu nos anos 20. Pequenos grupos – British Fascisti, British Empire Fascists, Kensington Fascist Party, Imperial Fascist League e outros – apareceram naqueles anos, nitidamente inspirados no exemplo italiano, mas não contavam, no total, com mais que algumas centenas de adeptos.

É interessante observar, com alguns autores (Lewis, 1987), como tais grupos mantinham certas características (elitismo, medo das massas, maior interesse em fazer propaganda reacionária do que em atingir efetivamente o poder, etc.) que os tornavam mais conservadores sob uma roupagem fascista do que propriamente fascistas.

Efetivamente, a maior parte dos movimentos “fascistas” britânicos do período encontravam-se mais próximos das diversas “ligas nacionalistas” ultrarreacionárias que, na época, surgiram no mundo para combater o movimento operário do que do fascismo. Esta foi, provavelmente, a razão de seu insucesso em mobilizar as massas. Não apenas estavam por demais divididos, como se organizavam para enfrentar uma ameaça – o movimento operário – que, depois do fracasso da greve geral de 1926, já não existia (Sykes, 2005: 45-46).

Para Lewis (1987), essa situação só se alterou na década de 30, quando Oswald Mosley criou o *New Party*. Outros estudiosos discordam, e apresentam traços de continuidade entre aqueles movimentos e o futuro movimento de Mosley (Shermer, 1971). Ainda assim, pode-se afirmar que o *New Party* representou um marco na história do fascismo britânico.

Esse grupo político, na realidade, ainda não era um partido fascista, mas suas ideias – união nacional, restauração da ordem, harmonia social – se aproximavam muito mais claramente do universo fascista do que as dos grupos anteriores, acabando por absorvê-los. Em 1932, finalmente, a conversão se

completou, o *New Party* se dissolveu e, em seu lugar, surgiu a *British Union of Fascists* (BUF).

Para se manter em evidência, a BUF protagonizou, por toda a Inglaterra, a partir de 1933, grandes choques de rua com grupos de esquerda (especialmente ligados ao comunismo inglês e ao Labour independente), sendo famosas as batalhas de rua (*Olympia's meeting*), em 1934, e, em 1936, o conflito entre fascistas, antifascistas e polícia no bairro judeu de Londres (Kusher; Valman, 2000).

As ideias antisemitas da BUF – de defesa da ordem e de renovação do império a partir de uma aliança com a Alemanha e a Itália e a destruição da URSS – chegaram a angariar algum apoio popular (especialmente nos anos de 1934 e 1935), sobretudo entre a classe média baixa (Rawnsley, 1980). Isso, porém, não foi suficiente para anular a hostilidade da esquerda e dos grupos dirigentes, que, por via de conselhos locais, chegaram a impedir suas reuniões em vários pontos do território inglês.

Oscilando entre a Itália e a Alemanha, mas caminhando cada vez mais em direção ao nazismo, a BUF foi perdendo força e credibilidade no decorrer da década de 1930. Em 1939, finalmente, com o estado de guerra entre o Reino Unido e a Alemanha, o movimento foi dissolvido e seus principais líderes, incluindo Mosley, foram encarcerados. De qualquer forma, a BUF foi a mais importante organização fascista do mundo anglo-saxão, o que se reflete na maior quantidade de material bibliográfico disponível sobre ela<sup>2</sup>.

Nos domínios britânicos, na verdade, o fascismo conseguiu sucessos ainda menores. Na África do Sul, foram instaladas sessões do partido de Mosley nos anos 30 e surgiram pequenos partidos fascistas, como *The South African National Party*, mas a população de língua inglesa, de modo geral, não aderiu às ideias fascistas (Guy, 2001: 446). O mesmo pode ser dito da Nova Zelândia (Harcourt, 1972; Spoonley; Mason, 1981).

Já na Austrália surgiram, a partir de 1923, várias ligas de

---

<sup>2</sup> Ver, entre outros, Cronin (1996); Cross (1961); Skidelsky (1975); e Thurlow (1987). O livro de Shermer (1971) é mais informativo, enquanto o artigo de Coupland (1998) traz extensa bibliografia extra sobre Mosley e a BUF.

direita, simpatizantes do fascismo, mas essencialmente conservadoras, como a Old Guard, a League of National Security e a Khaki Legion. Outros movimentos posteriores, como o Social Credit, assumiram tons mais abertamente fascistas.

Quem, no entanto, representou realmente o fascismo no país foi o New Guard, criado em 1931, liderado por Eric Campbell, com ideias e simpatias abertamente fascistas (ainda que pouco antissemitas), contando com uma milícia uniformizada e mantendo contatos com Mosley, Starace e Rosenberg, embora sem muito sucesso. Na Austrália, o fascismo continuou a ser visto como algo exótico, normalmente associado à coletividade italiana, alemã ou russa emigrada (Cresciani, 1979; Amos, 1976; Moore, 1989; Perkins; Moore, 2001; Campbell, 1965).

Tampouco nos Estados Unidos o fascismo logrou grande popularidade. Apesar da força da depressão econômica nos anos 30, as tentativas de criar um partido fascista local (como o National Party, de Philip Johnson, em 1934; a Black Legion, de Detroit; os *khaki shirts*, de Art Smith, na Pensilvânia; ou a Silver Shirt Legion, de William Pelley, em 1933) estacionaram no estágio embrionário (Cannistraro, 1971; Warren, 2001; MacDonnel, 1995; Janowitz, 1952).

Dentro do mundo anglo-saxão, efetivamente, o fascismo foi geralmente mais popular entre os deserdados e os abalados pela grande depressão e, especialmente, entre as minorias e os *outsiders* do sistema. Os descendentes de alguns grupos imigrantes, por exemplo, militaram muitas vezes nos fascismos locais para reafirmar sua lealdade e sua identidade como australianos ou americanos, para manifestar seu apreço aos ideais das nações de origem dos seus pais (no caso de ítalos e germânicos) e para participar, no âmbito político, de um sistema que normalmente os ignorava. Isso se deu, por exemplo, com alguns grupos de italianos e alemães na Austrália e na África do Sul. Mas essa não foi uma regra geral, já que a adesão dependia muito do sistema político local e de sua capacidade em cooptar os imigrantes e seus filhos.

O fascismo foi mais popular também entre grupos nativos que se sentiam minoritários e desfavorecidos, como os bôeres

da África do Sul. Com efeito, movimentos simpáticos ao nazismo e ao fascismo não foram desconhecidos entre eles. Na maioria dos casos, não se tratava de fascistas, conceitualmente falando, mas de nacionalistas locais ultraconservadores, racistas e antisemitas, com simpatias, por motivos óbvios, pelo fascismo e pelo nazismo (Furlong, 1991; Sinsom, 1980; Bloomberg, 1989; Guy, 2001; Sani, 1990). Na própria BUF de Mosley, não apenas havia uma participação desproporcional, por várias razões, de pessoas do *East End* londrino, como também os católicos eram super-representados (Rawnsley, 1980: 161-162).

Em linhas gerais, contudo, se ignorarmos esses casos específicos, a palavra *fracasso* pode ser usada sem receio para qualificar os fascismos no mundo anglo-saxão.

Discutir as razões dessa incapacidade dos movimentos fascistas em atingir o poder no mundo anglo é questão de real importância se quisermos entender a própria gênese do processo que, nos anos 30, levou o fascismo ao poder, isoladamente ou em bloco com a direita tradicional, em tantos países do mundo. Tradicionalmente, atribui-se aos efeitos da crise econômica mundial de 1929 e às tendências autoritárias de certos países europeus um papel-chave para explicar o pipocar de movimentos fascistas (antes inexpressivos fora da Itália) em vários países ocidentais nos anos 30 e a ascensão de Hitler ao poder. São elementos, evidentemente, de mais alta importância, mas que se revelam insuficientes quando confrontados com a situação dos países de língua inglesa.

Nos Estados Unidos, por exemplo, os efeitos econômicos e sociais da crise de 1929 foram tão devastadores quanto na Alemanha; no entanto, anticomunismo, antisemitismo e racismo nunca foram valores desconhecidos; pelo contrário. Assim, se seguirmos roteiros determinados unicamente pelo econômico ou pelo cultural, o primeiro país do mundo a ser fascista deveria ter sido os Estados Unidos, o que não ocorreu.

Isso, evidentemente, não significa esquecer, primeiro, o fato de que, ao menos no mundo britânico, os efeitos da crise de 1929 foram superados com relativa brevidade; e, segundo, a importância que tiveram as tradições liberais nos Estados

Unidos e no império britânico. Combater os direitos individuais e as liberdades civis pregando o uso da violência era, de fato, muito mais difícil em países de democracia liberal consolidada, e seria ilógico ignorar esse elemento.

Um fator de importância, nos países anglo-saxões, foi a inexistência de um líder carismático do porte de Hitler, capaz de articular os vários movimentos fascistas e de reunir forças para a conquista do poder. Nem Campbell, nem Pelley, nem outros souberam dar conta dessa tarefa, essencial para a criação de um partido de massas. Nem o mais bem-sucedido e carismático dentre eles, Oswald Mosley, conseguiu unificar completamente a direita radical a seu redor (Morell, 1980: 57-59).

No mundo anglo-saxão, foi se desenvolvendo, a partir da segunda metade dos anos 30, um crescente sentimento antifascista e, especialmente, antinazista, devido à cada vez maior agressividade da Itália e da Alemanha (voltada basicamente contra as democracias ocidentais) e à associação que a opinião pública, quer na Austrália, quer nos Estados Unidos, começou a estabelecer entre os fascismos locais. Hitler, por sua vez, também ajudou a solapar os esforços dos fascistas desses países, vistos cada vez mais como vendidos e traidores (Benewick, 1969; Thorpe, 1989).

A estrutura do sistema político, com certeza, também contava. No sistema bipartidário americano, por exemplo, um partido fascista teria imensas dificuldades para se afirmar. Do mesmo modo, na Inglaterra e nos domínios, o equilíbrio partidário era relativamente fechado para *outsiders* como os fascistas. Não espanta, aliás, conforme já mencionado, que os partidos fascistas tenham cativado justamente as minorias étnicas e os grupos politicamente insatisfeitos dessas sociedades.

Tenho a impressão, outrossim, de que existiam, em alguns contextos, forças tradicionais de direita (os grupos nacionalistas dos bóeres da África do Sul, a Ku Klux Klan nos EUA, movimentos ultraconservadores cristãos em vários países, etc.) com condições para canalizar os sentimentos antissemitas, anticomunistas e racistas sem, necessariamente, desembocar em um partido fascista, o que aliviava a pressão sobre o sistema político.



Além disso, como a democracia se manteve naquele momento em todos os países de fala inglesa, houve espaço para a esquerda se organizar e combater, quando necessário, com vários graus de eficiência, o fascismo local, como demonstram as batalhas de rua dos partidos de esquerda (o Labour e os comunistas, principalmente) contra Mosley, em Londres, as manifestações do Cooperative Commonwealth Federation e do Communist Party of Canadá, no Canadá, e as frentes de esquerda australianas contra os fascistas (Menghetti, 1981).

Mais importante do que tudo, porém, foi a capacidade das elites dirigentes em manter as rédeas do poder e oferecer alternativas à sociedade. No caso americano, por exemplo, pode-se dizer que a liderança progressista de Franklin Delano Roosevelt e seu *New Deal* foi o melhor antídoto para anular quaisquer riscos de fascismo nos Estados Unidos. Nos países do império britânico, do mesmo modo, as classes dirigentes, embora conservadoras, mantiveram-se firmemente no poder, não dando margem – ao contrário do que ocorreu na Itália e na Alemanha – à ascensão dos fascistas ao governo.

Enquanto as classes dirigentes italianas e alemãs, assustadas por uma crise nacional sem precedentes e temendo por sua própria sobrevivência, preferiram apostar no fascismo, as dos países anglo-saxões (assim como as escandinavas, as francesas, as argentinas e outras) sentiam-se suficientemente fortes para dispensar tal alternativa.

Essa alternativa, porém, esteve sempre presente nas mangas da elite dominante. Na Austrália, por exemplo, as guardas brancas, fascistas ou semifascistas, permaneciam constantemente de prontidão para o caso de a esquerda ou os estrangeiros representarem uma ameaça (Amos, 1976; Moore, 1989): um “Plano B”, portanto, que nunca precisou ser posto em prática, mas que poderia tê-lo sido em caso de necessidade, o que revela as limitações do “liberalismo” anglo-saxão.

## O fascismo no Canadá

Quando nos referimos ao fascismo no Canadá, devemos estabelecer uma distinção entre os vários movimentos fascistas com base europeia que ali se instalaram no seio das comunidades imigrantes e os diversos grupos fascistas nativos.

Os fascistas europeus foram realmente muito ativos no país. Os italianos agiam nas comunidades originadas da Itália (Liberati, 1984; Bertonha, 2002b); grupos nacionalistas ucranianos, reacionários ou próximos ao fascismo, atuavam no oeste canadense (Prymak, 1988); e o Deutscher Bund Canada tentava atingir a população teuta (Wagner, 1977, 1981). Mesmo a Ku Klux Klan americana abriu seções no Canadá, obtendo uma resposta tímida em Ontário e na British Columbia (Sher, 1983).

Fascistas europeus e canadenses mantinham contatos estreitos, promovendo manifestações conjuntas, proclamando solidariedade, etc. Em alguns casos, a presença dos imigrantes era elemento central para o sucesso ou o fracasso dos fascismos nativos. Não é, porém, este o momento para estudar os referidos contatos (o que espero fazer em artigo futuro), pois o foco do presente texto é o fascismo canadense, razão pela qual cederei menos espaço aqui aos movimentos fascistas sediados em Roma ou em Berlim, para passar imediatamente àqueles com base no Canadá. Tampouco mencionarei a experiência do Social Credit Movement, em Alberta, por considerá-lo antes um grupo demagogo da direita que um movimento propriamente fascista (Warren, 2001: 665-670). São os movimentos realmente fascistas canadenses o foco de minha exposição.

No Canadá de fala inglesa, pequenos grupos fascistas se formaram já nos anos 20, geralmente inspirados pelo exemplo do fascismo italiano. Foi, todavia, a partir da ascensão de Hitler ao poder, em 1933, que os adeptos da ideologia fascista no Canadá resolveram se organizar em busca de maior influência na sociedade através dos Swastika Clubs, abertamente racistas e antissemitas. Seus raros militantes eram normalmente de origem britânica, provenientes da baixa classe média, defensores da supremacia anglo-saxã em Ontário.

No oeste do país, surgiu em 1933 um partido de características fascistas, o Canadian Nationalist Party (CNP), liderado por William Whittaker. Fervorosos nacionalistas, expunham a *Union Jack* e apregoavam a monarquia. Queriam um Canadá centralizado, defendiam o antissemitismo e o corporativismo, etc. Apelavam aos veteranos de guerra canadenses e aos imigrantes, que formavam sua base social (Betcherman, 1978: 45-75).

Ainda no oeste, em Winnipeg, em 1934, Howard Simpkin liderou um racha do CNP e abriu uma filial do grupo fascista de Mosley, denominando-a de Canadian Union of Fascists (CUF). Esta pretendia-se mais fascista que nazista, corporativista e não antissemita, seguindo claramente, naquele momento, os passos do original inglês, de cujos jornais, aliás, copiava muitas matérias para seu jornal, *The Thunderbolt*. Conseguiu algum apoio entre os anglos da região, mas declinou depressa e praticamente desapareceu no final dos anos 30, devido tanto à falta de liderança quanto à ascensão de Adrien Arcand, que passou a canalizar para si o pouco apoio disponível (Betcherman, 1978: 76-84; Robin, 1992: 193).

A partir de mais ou menos 1935, o centro do fascismo canadense transferiu-se de Ontário e do oeste para o Quebec. Esta província, onde o sentimento conservador e antissemita, não necessariamente fascista, já era forte mesmo no período anterior, passou a ser, a partir daquele momento, o principal polo fascista do país.

Com efeito, mesmo se, seguindo o alerta de Roberto Perin (1982, 1984), tomarmos o cuidado de não classificar como fascistas pessoas e movimentos tais como Maurice Duplessis e a Union Nationale, e mesmo se evitarmos imaginar o Quebec como total e completamente fascista, o que seria absurdo, é difícil não ver nesta província uma das regiões em que o fascismo teve maior apelo dentro do território do império britânico. Isso requer que abordemos com redobrado cuidado os meandros do fascismo na província canadense em questão.

Havia muito, já existia no Quebec uma cultura de extrema direita. O Padre Lionel Groulx (1878-1967), por exemplo, foi um católico ultraconservador, defensor do

nacionalismo quebequense e, de 1915 a 1949, professor de História na Universidade de Montreal. Entre 1917 e 1928, publicou várias obras e jornais que difundiam as ideias nacionalistas e antidemocráticas de Charles Maurras. Nos anos 30, manteve ligações com grupos e com jornais (como *Action Nationale* e *Le Devoir*) que defendiam os direitos dos franco-católicos frente aos anglos e que também eram próximos do fascismo (Delisle, 1998: 212).

Uma das características do pensamento da extrema direita do Quebec era seu extremo antissemitismo. No período pré-1930, já se detectam na região alguns traços desse sentimento, mas sem apoio popular consistente. No início dos anos 30, Adrien Arcand e Joseph Ménard fundaram uma série de jornais – *Le Goglu* (1929), *Le Miroir* (1929) e *Le Chameau* (1930) –, os quais encetaram em Montreal uma campanha sistemática contra os judeus. Arcand, jornalista, iniciara sua carreira no *La Presse*, de onde foi demitido por haver liderado uma greve. Permaneceu no ostracismo, pela ação do patrão, até ser resgatado por Ménard, que precisava de alguém como ele para comandar sua campanha.

Ao mesmo tempo, os dois líderes procuraram conferir uma feição mais política a seu antissemitismo. Já em novembro de 1929, lançaram a *Ordre Patriotique des Goglus*, movimento nacionalista muito semelhante às ligas patrióticas que então apareciam na Europa, e influenciado por Groulx. Sua estrutura, contudo, era semelhante à do fascismo italiano, que eles admiravam, e defendia a identidade latina, a ordem e a hierarquia.

A Ordem organizou encontros e campanhas antissemitas e, por volta de 1932, Arcand já estava em contato com fascistas e nacionalistas estrangeiros, de quem recebeu recursos financeiros e apoio. No entanto, como não contasse com uma real base popular a lhe dar sustentação e enfrentasse na Justiça vários processos de judeus, seus jornais foram fechados em março de 1933.

Ainda em 1933, foi fundada a *Fédération des Clubs Ouvriers*, com alguma força em Montreal, liderada por Paul Bouchard e seu jornal *La Nation*. Apesar de similaridades ideológicas, Bouchard jamais conseguiu entender-se com

Arcand, por razões que veremos a seguir. O movimento de Bouchard, de qualquer forma, não avançou, e ele acabou fugindo, em 1942, para a América do Sul, tornando-se, após sua volta, professor de História da América Latina em Montreal (Robin, 1992: 183-184).

Arcand e Ménard não apreciaram a concorrência e, ainda em 1933, lançaram um novo jornal, *Le Patriote*, atacando o comunismo, o socialismo e o liberalismo e associando todos esses “males da humanidade” à sua fonte: os judeus. Também fundaram, em 1934, um novo movimento, o Parti National Social Chrétien (PNSC), que misturava racismo nazista com corporativismo fascista. A Ordem dos Goglus evoluíra para um verdadeiro partido nazista, com uniformes, suásticas, etc.

O sucesso de ambas as iniciativas foi limitado, pois o jornal quase faliu já em seus primeiros números e o movimento contava com público reduzido em suas reuniões. Com o tempo, o PNSC cresceu, mas nunca chegou a ser realmente forte e popular. Assumiu cada vez mais a estética fascista e adotou tropas de choque e uma organização semelhante à do fascismo italiano, porém com uma bandeira nazista. Muita propaganda antissemita vinha diretamente da Alemanha para ser divulgada no Quebec por via de Arcand (Betcherman, 1978: 85-98). Este proclamava abertamente que haveria de destruir o sistema liberal após conquistar o poder e enfatizava os valores caros aos conservadores, tais como ordem, família, patriotismo e livre empreendedorismo, além do anticomunismo e do antissemitismo.

Acreditando que chegaria ao poder e estimando que Toronto (onde o antissemitismo e o medo irracional do comunismo cresciam) poderia servir para ampliar sua base além do Quebec, Arcand procurou estreitar laços com os fascistas locais em 1937. No ano seguinte, conseguiu fundir seu grupo com o CNP, de Whittaker, no oeste, e com um minúsculo novo grupo de Ontário, o Ontario Nationalist Party, de Joseph Farr (Betcherman, 1978: 99-112). Em 4 de julho de 1938, por ocasião de uma convenção em Toronto, os referidos grupos formaram o National Socialist Unity Party. O sucesso desse esforço foi moderado, mas Arcand indubitavelmente havia conseguido superar seus rivais do Canadian Union of Fascists e

outros movimentos menores e assumido o posto de líder nacional do fascismo no Canadá.

A partir desse momento, no entanto, a carreira política de Arcand praticamente estagnou e ele caiu no ostracismo. No final dos anos 30, conseguiu ainda alguma sobrevida, ao explorar o sentimento antiguerra dos francos no Quebec, e procurou mobilizar, novamente através do antissemitismo, seus aliados do Nationalist Party em Ontário, porém sem sucesso. Seus sonhos de poder ruíram, e ele, a exemplo de outros militantes dos partidos fascistas canadenses e estrangeiros, acabou preso quando do início da guerra, em 1939, e viu sua organização dispersada pela polícia<sup>3</sup>. O fascismo canadense, pelo menos em sua versão clássica, chegava ao final.

## Especificidades e diferenciais do fascismo canadense dentro do mundo de língua inglesa

Se examinarmos as razões pelas quais o fascismo canadense teve algum sucesso, assim como os fatores que o impediram de alcançar o poder, depararemos com inúmeras variáveis, tanto de convergência quanto de divergência, referentes ao universo dos países de língua inglesa como um todo.

Uma das semelhanças a ressaltar é que, também no Canadá, o fascismo foi mais feliz ao tentar atrair os *outsiders* do sistema político, como os deserdados pela crise econômica, ex-militares ou minorias que se sentiam pouco representadas.

No caso canadense, entre as minorias mencionadas, figura, com certeza, a de língua francesa do Quebec. Seria um equívoco, como já ressaltado, dizer que, no período em questão, todo o Quebec era fascista, mas o fato é que a cultura da direita ou da extrema direita era bem disseminada, e seria incorreto tentar esconder isso (Delisle, 1992, 1998, 2002; Sanders, 1996). A cultura católica do Quebec, com seu antissemitismo e seu conservadorismo, é, sem dúvida, uma chave para explicar essa

---

<sup>3</sup> Com relação às prisões, ver as informações constantes nos vários artigos reunidos em Hillmer (1988) e Perin (2000). Uma visão mais positiva a respeito de Arcand e, portanto, mais crítica a respeito de sua prisão encontra-se em Cote (1994).

força especial da extrema direita na província, mas a oposição dos franco-canadenses ao sistema político anglo certamente também foi relevante para dar força aos *outsiders* do sistema dentro do Quebec.

Por outro lado, a atração exercida pelo fascismo entre imigrantes europeus e seus descendentes no Canadá foi similar àquela verificada em outros países, como a Austrália, o Brasil ou a Argentina. Isso não vale como regra geral para todo o mundo (como o já mencionado caso dos italianos nos EUA), mas a constatação não deixa de ser válida, sendo a situação canadense típica, embora os dados disponíveis permitam apenas análises impressionistas.

Com efeito, não dispomos de muitos dados para avaliar a resposta dos italianos e filhos de italianos aos apelos dos fascistas canadenses. Segundo consta, havia italianos ao redor de Arcand, especialmente na Canadian Union of Fascists, mas é difícil estabelecer qualquer quantificação. O fato de a CUF ser, aparentemente, o núcleo central da participação dos italianos ou de seus filhos no fascismo canadense, pode, sem dúvida, fornecer alguns indícios de suas motivações para entrar no movimento, já que esse partido estava mais próximo do fascismo que do nazismo. Por outro lado, no oeste do Canadá, imigrantes e filhos de imigrantes da Ucrânia e outros de língua alemã formavam a base dos movimentos fascistas locais, ainda que a liderança fosse angla (Betcherman, 1978: 62-65).

Uma hipótese a considerar é se a participação de filhos de italianos, alemães ou ucranianos não seria também, como mencionado acima, uma forma de participação política e de questionamento de um sistema político dominado por anglos e francos. Infelizmente, porém, não temos dados sólidos sobre a base de recrutamento dos fascismos canadenses entre as comunidades imigrantes, o que dificulta qualquer conclusão mais sólida. Saber se os militantes nesses movimentos eram imigrantes ou canadenses filhos de imigrantes seria, nesse sentido, uma informação-chave, já que nos permitiria entender melhor a questão nacionalista em relação a eles.

Outra similaridade canadense com os demais domínios britânicos (e, na verdade, com todo o mundo ocidental) foi a

importância do apoio recebido das elites dirigentes para a ascensão e a manutenção de vários partidos fascistas (e, especialmente, do de Arcand), bem como o efeito desastroso que a suspensão desse apoio teve sobre a possibilidade de desenvolvimento e de sobrevivência de tais partidos.

Os conservadores de Bennett, por exemplo, deram 18.000 dólares aos jornais de Arcand em 1930, e mais 27.000 entre 1929 e 1936. Arcand chegou a ser contratado como diretor de publicidade em uma das campanhas eleitorais de Bennett no Quebec (Sher, 1983: 63). Ademais, nos anos 30, Arcand e Ménard encontraram novos padrinhos na conservadora Union Nationale, de Maurice Duplessis. O jornal *L'Illustration Nouvelle*, de Arcand, servia como órgão semioficial do grupo e, quando Duplessis se tornou primeiro-ministro do Quebec, em 1936, a influência de ambos cresceu, tendo Ménard até sido incorporado ao governo.

Fica evidente que o objetivo dessas ligações, por parte dos conservadores, era, em essência, instrumental, para que, no caso de Bennett, Arcand o ajudasse a enfraquecer os liberais em Quebec e para que este pudesse contar com um apoio mais consistente da imprensa em Montreal. O mesmo pode ser dito da relação de Arcand e de Ménard com Duplessis, o qual rompeu seus vínculos com a direita radical tão logo se deu conta de que isso o prejudicaria frente a seu eleitorado (Betcherman, 1978: 25-27 e 85-98).

Tratava-se, porém, com esses arranjos, de um apoio dosado, que objetivava evitar um crescimento exagerado do movimento de Arcand e, ao mesmo tempo, mantê-lo vivo, para o caso de alguma eventualidade. Vários líderes conservadores, aliás, pressionaram Bennett nesse sentido (Betcherman, 1978: 25-27), o que indica uma relação muito próxima à estabelecida pelo governo australiano com o movimento de Eric Campbell. O movimento contou com fontes de recursos que o sustentaram em momentos cruciais, mas, por serem limitados, contribuíram para obstaculizar seu crescimento posterior.

O firme controle da máquina política canadense por parte das elites políticas foi realmente essencial para não dar espaço aos fascistas locais e a seu desenvolvimento. Sob esse aspecto,



novamente, a situação canadense não difere muito da dos outros países de língua inglesa e mesmo do restante do Ocidente.

As alterações nas relações internacionais ocorridas nos anos 30 e a tomada de consciência, pelos povos ocidentais, de que a crescente agressividade nazista significaria a guerra e que, portanto, Hitler e seus amigos representariam inimigos também contribuíram para enfraquecer o fascismo no Canadá.

No final dos anos 30, a maré foi se voltando realmente, aos poucos, contra os fascistas no Canadá. O Estado e a polícia aumentaram sua vigilância sobre eles, e grupos como os veteranos de guerra passaram a se afastar do que viria a ser o inimigo. Até a Igreja Católica do Quebec, assustada com o paganismo nazi, começou a repensar suas relações com grupos abertamente pró-nazistas, como os de Arcand, embora sua simpatia pelo fascismo italiano ou por grupos de extrema direita franceses ainda tenha persistido por um bom tempo.

Não foi à toa que, em 1939, Adrien Arcand decidiu remover a suástica da bandeira e a expressão “Nacional Socialista” do nome de seu partido, o qual passou a se denominar apenas National Unity Party (Betcherman, 1978: 119). Mesmo assim, Arcand não tinha como remover completamente de sua própria imagem a associação com o nazismo, o que foi danoso para seus sonhos de poder.

Outro problema grave para a extrema direita nos países anglo-saxões, igualmente já mencionado, foi a dificuldade em resolver o problema da liderança. Whittaker, Campbell e outros revelaram-se bastante incompetentes na tarefa de reunir os diferentes grupos da direita radical e de abrir negociações com as forças conservadoras. O radicalismo e o excesso de chefes desejosos do poder supremo constituíam, com efeito, entraves difíceis de superar, e não somente nesses países.

No caso canadense, contudo, havia uma especificidade no mínimo curiosa. Adrien Arcand era um líder carismático, e seu poder de aglutinação da direita radical é comprovado. No entanto, além dos problemas gerais acima citados, ele tinha que lidar com um obstáculo típico da estrutura da política e da própria sociedade canadenses, qual seja, a rivalidade entre francos e anglos.

Na verdade, em seu esforço para se tornar líder de porte nacional, Arcand deveria tentar conciliar coisas inconciliáveis. Todos os grupos da direita radical apreciavam seu discurso destruidor do sistema liberal, da “ameaça judia” e do comunismo, e favorável à implantação de uma nova ordem. Quando, porém, se tratava de definir os contornos nacionalistas dessa nova ordem, a unanimidade em torno dele terminava e os conflitos começavam.

Os jovens católicos e nacionalistas do Quebec, por exemplo, não aceitavam seu flerte com a pagã Alemanha e sua posição pró-império e de aproximação com Mosley (Betcherman, 1978: 88). O grupo de Paul Bouchard, por exemplo, era especialmente crítico em relação às ideias imperialistas e de unidade canadense defendidas por Arcand. A tal ponto que, se ele enfatizasse demais os valores franceses e católicos quebequenses, perderia apoio no restante do país.

Encontrava-se, portanto, este líder em um impasse, pois seu nacionalismo quebequense moderado e sua defesa do império e da unidade do Canadá o indispunham com os nacionalistas que queriam a Laurentia, ao mesmo tempo em que sua recusa em romper totalmente os vínculos com o quebecanismo o tornava uma figura pouco confiável em setores anglos. Betcherman (1978: 109) observa que ele tentava, sem sucesso, conciliar os dois principais grupos da política canadense, o que, indubitavelmente, tem constituído uma eterna dificuldade para uma política nacional neste país.

Arcand tentou resolver o impasse fazendo oscilar seu discurso de região para região. Em Montreal ou na cidade de Quebec, ele se aproximava mais de Groulx e de seus seguidores, enquanto, no restante do Canadá, enfatizava seu respeito pela monarquia e pelo império. Mas, a rigor, não havia como resolver o dilema, e isso enfraqueceu enormemente seu potencial político.

## Conclusões

Em linhas gerais, a conclusão a que chegamos, ao analisar o fracasso do fascismo nos países anglo-saxões, é que, em que pese as imensas diferenças de contexto, há algumas semelhanças relevantes. Os movimentos fascistas, em geral, atraíram os desajustados que não logravam ter o espaço desejado no sistema político (descendentes de imigrantes, setores da classe média, grupos étnicos minoritários) e conseguiram mobilizar um apoio razoável entre os setores conservadores da sociedade. A opção fascista, porém, não se concretizou, devido à falta de capacidade e aos erros dos líderes da extrema direita, pelo fato de os sistemas políticos terem conseguido bloquear a ascensão desta e, especialmente, pelo fato de as elites de todos esses países terem encontrado uma opção mais conveniente e menos perigosa do que a entrega do poder aos fascistas para a resolução dos problemas da época.

O Canadá manteve-se quase completamente dentro desse padrão, com movimentos fascistas de relativa importância, que atraíram grupos minoritários, imigrantes e outros *outsiders*. Estes receberam algum apoio de conservadores como Bennett e Duplessis, mas muito pouco frente ao que seria necessário para chegar ao poder. Divididos, identificados com o inimigo e sem grande potencial, desagregaram-se e foram eliminados pela repressão nos anos 40, só se reconstituindo, mas não mais que parcialmente, no pós-1945.

Houve, porém, algumas especificidades de monta. O Quebec tinha uma cultura católica conservadora que propiciou um terreno fértil para o desabrochar de movimentos fascistas na província; e sua disputa com o *establishment* anglo deu uma sobrevida ao fascismo na região, mesmo depois de ele estar quase totalmente desacreditado no restante do país. Por fim, as disputas de poder entre anglos e francos, ao mesmo tempo em que facilitaram o crescimento dos movimentos fascistas no Quebec, dificultaram a articulação de uma liderança nacional em torno de Arcand.

Em resumo, a grande especificidade do fascismo

canadense em relação aos demais países de fala inglesa foi a presença do Quebec e da cultura francesa e católica na região. Essa presença favoreceu a formação de um fascismo local e de uma cultura fortemente conservadora na região, mas colaborou, em última instância, para obstaculizar a implantação de um fascismo nacional mais forte.

Evidentemente, como este texto procurou demonstrar, a simples existência do Quebec não é a única razão para os sucessos e os fracassos do fascismo no Canadá do entreguerras. Mas ela constituiu, naquele período, a grande especificidade canadense no universo maior dos países predominantemente de língua inglesa, para o bem e para o mal. Como a presença da província francesa é, na verdade, o grande elemento cultural que identifica o Canadá frente, digamos, aos Estados Unidos e à Austrália, esta é uma conclusão que faz todo sentido dentro da história canadense como um todo.

## Referências

AMOS, Keith. *The New Guard Movement, 1931-1935*. Melbourne: Melbourne University Press, 1976.

BENEWICK, Robert. *Political violence and Public order: a study of British Fascism*. London: Allen Lane, 1969.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: interfaces entre o universo fascista do Brasil e do mundo anglo-saxão. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 1, n. 2, p. 129-144, 2002a.

\_\_\_\_\_. Fascism and the Italian Immigrant Experience in Brazil and Canada: A Comparative Perspective. *International Journal of Canadian Studies*, n. 25, p. 169-193, 2002b.

\_\_\_\_\_. Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: Interfaces entre el Universo Fascista de Brasil y del mundo Anglosajón. *Centro Cultural Canadá*, Córdoba, n. 19, p. 57-68, 2003.

\_\_\_\_\_. Antifascistas italianos en los extremos de América: las experiencias de Brasil y Canadá. *Centro Cultural Canadá*, Córdoba, n. 20, p. 79-90, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sobre a Direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o*

integralismo. Maringá: EDUEM, 2008.

BETCHERMAN, Lita Rose. *The Swastika and the Maple Leaf: Fascist movements in Canada in the thirties*. Toronto: Fitzhenry Whiteside, 1978.

BLOOMBERG, Charles. *Christian nationalism and the rise of the Afrikaner Broederbond in South Africa, 1918-48*. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

CAMPBELL, Eric. *The Rallying Point*. Melbourne, 1965.

CANNISTRARO, Philip; KOVALEFF, Theodore. Father Coughlin and Mussolini: impossible allies. *Journal of Church and State*, v. 13, n. 3, p. 427-443, 1971.

COTE, Jean. *Adrien Arcand: une grande figure de notre temps*. Montréal: Les éditions Pam-Am, 1994.

COUPLAND, Philip. The Blackshirted Utopians. *Journal of Contemporary History*, v. 33, n. 2, p. 255-272, 1998.

CRESCIANI, Gianfausto. *Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia, 1922-1945*. Roma: Bonacci, 1979.

CRONIN, M. *The failure of British Fascism*. London: Basingstoke, 1996.

CROSS, Colin. *The Fascists in Britain*. London: Barrie and Rockliff, 1961.

DELISLE, Esther. *Le traître et le juif: Lionel Groulx, le devoir et le délire du nationalisme d'extrême droite dans la province de Québec, 1929-1939*. St Laurent: l'Étincelle Éditeur, 1992.

\_\_\_\_\_. *Myths, memory and lies: Quebec's intelligentsia and the fascist temptation, 1939-1940*. Westmount: Robert Davis, 1998.

\_\_\_\_\_. *Essais sur l'imprégnation fasciste au Québec*. Montréal: Les Éditions Varia, 2002.

FURLONG, Patrick. *Between Crown and Swastika: the impact of the radical right on the Afrikaner nationalist movement in the fascist era*. Hannover, N. H.: University Press of New England, 1991.

GUY, Jeff. Fascism, nationalism and the foundation of Apartheid ideology. In: LARSEN, Stein Ugelvik. *Fascism outside Europe: The European impulse against domestic conditions in the diffusion of global fascism*. New York: Columbia University Press, 2001. p. 427-466.

- HARCOURT, David. *Everyone wants to be fuhrer: National Socialism in Australia and New Zealand*. Cremorne: Angus and Robertson, 1972.
- HILLMER, Norman. *On Guard for thee: war, ethnicity and the Canadian State, 1939-1945*. Ottawa: Ottawa University Press, 1988.
- JANOWITZ, Morris. Black Legions on the march. In: AARON, Daniel. *America in crisis*. New York: Alfred Knof, 1952.
- KUSHNER, Tony; VALMAN, Nadia. *Remembering Cable Street: Fascism and anti-fascism in British society*. London; Portland: Vallentine Michel, 2000.
- LEWIS, D. S. *Illusions of Grandeur: Mosley, Fascism and British society, 1931-1981*. Manchester: Manchester University Press, 1987.
- LIBERATI, Luigi Bruti. *Il Canada, l'Italia e il fascismo*. Roma: Bonacci, 1984.
- MACDONNELL, F. *Insidious Foes: The Axis Fifth Column and the American Home Front*. New York: Oxford University Press, 1995.
- MENGHETTI, Diane. *The Red North: The Popular Front in North Queensland*. Townsville, North Queensland: History Department, James Cook University, 1981.
- MORELL, John. Arnold Leese and the Imperial Fascist League: the impact of racial fascism. In: LUNN, Kenneth; THURLOW, Richard. *British Fascism: Essays on the radical right in inter-war Britain*. London: Croom Helm, 1980. p. 57-75.
- MOORE, Andrew. *The Secret Army and the Premier: Conservative Paramilitary Organizations in New South Wales, 1930-1932*. New South Wales: Kensington, 1989.
- MOUNT, Graeme. *Canada's enemies: Spies and spying in the peaceable kingdom*. Toronto, Oxford: Dundurn Press, 1993.
- PERIN, Roberto. Conflits d'identité et d'allégeance: La propagande du consulat italien a Montréal dans les années 1930. *Questions de Culture*, n. 2, p. 81-102, 1982.
- \_\_\_\_\_. Making good fascistas and good Canadians: consular propaganda and the Italian community in the 1930's. In: GOLD, Gerald (Ed.). *Minorities and Mother country imagery*. Newfoundland: Institute of Social and Economic Research, 1984. p. 136-158.

- PERIN, Roberto et al. *Enemies within: Italians and other internees in Canada and abroad*. Toronto: University of Toronto Press, 2000.
- PERKINS, John; MOORE, Andrew. Fascism in interwar Australia. In: LARSEN, Stein Ugelvik. *Fascism outside Europe: The European impulse against domestic conditions in the diffusion of global fascism*. New York: Columbia University Press, 2001. p. 269-286.
- POOLE, A. Oswald Mosley and the Union Movement: Success or Failure? In: CRONIN, M. *The failure of British Fascism*. London: Basingstoke, 1996.
- PRYMAK, Thomas. *Maple Leaf and Trident: The Ukrainian Canadians during the Second World War*. Toronto: The Multicultural History Society of Ontario, 1988.
- RAWNSLEY, Stuart. The membership of the British Union of Fascists. In: LUNN, Kenneth; THURLOW, Richard. *British Fascism: Essays on the radical right in inter-war Britain*. London: Croom Helm, 1980. p. 150-165.
- ROBIN, Martin. *Shades of right: Natives and fascist movements in Canada, 1920-1940*. Toronto: University of Toronto Press, 1992.
- SANDERS, Wilfrid. *Jack et Jacques: l'opinion publique au Canada pendant la Deuxième Guerre Mondiale*. Montréal, 1996.
- SANI, Gabriele. *History of the Italians in South Africa, 1489-1989*. Edenvale: Zonderwater Block, 1990.
- SCHONBACH, Morris. *Native American Fascism during the 1930's and 1940's: A study of its roots, its growth and its decline*. New York: Garland Publishing, 1958.
- SHER, Julian. *White Hoods: Canada's Ku Klux Klan*. Vancouver: New Star Books, 1983.
- SHERMER, David. *Blackshirts: Fascism in Britain*. New York: Ballantine, 1971.
- SIMSOM, Howard. *The social origins of Afrikaner fascism and its Apartheid policy*. Uppsala: Uppsala University Press, 1980.
- SKIDELSKY, Robert. *Oswald Mosley*. London, 1975.
- SPOONLEY, Paul; MASON, E. J. *Bibliography of the extreme right in New Zealand, 1961-1981*. Palmerston North: Dept. of Sociology, Massey University, 1981.

SYKES, Alan. *The radical right in Britain*. London: Palgrave MacMillan, 2005.

THORPE, Andrew. *The failure of political extremism in inter-war Britain*. Exeter: University of Exeter, 1989.

THURLOW, Richard. *Fascism in Britain: a History, 1918-1985*. London: Basingstoke, 1987.

\_\_\_\_\_. The Guardian of the "Sacred Flame": the failed political resurrection of Sir Oswald Mosley after 1945. *Journal of Contemporary History*, v. 33, n. 2, p. 241-254, 1998.

WAGNER, Jonathan. The Deutscher Bund of Canada, 1934-1938. *Canadian Historical Review*, n. 58, p. 176-200, 1977.

\_\_\_\_\_. *Brothers beyond the sea: National Socialism in Canada*. Waterloo, Ontario, Canada: Wilfrid Laurier University Press, 1981.

WARREN, Donald. Depression Era. Fascism and Nazism in the United States and Canada: Threat to democracy or theatre of the absurd? In: LARSEN, Stein Ugelvik. *Fascism outside Europe: The European impulse against domestic conditions in the diffusion of global fascism*. New York: Columbia University Press, 2001. p. 635-701.